



Era uma loja... não, uma lojinha
Com dois bancos corridos à entrada
Lá por dentro arcas, caixas de farinha
E uma vitrina à porta pendurada

As paredes escuras da humidade
E as traves do tecto negrejantes.
Mostravam bem que ali passara a idade
E que tudo estava, agora como antes

Casa cheia de moços todo o dia
Entre eles uma figura de anciã
Que ora os escutava, ora dormia
Apesar do bulício que ia lá,

Livros por toda a parte uma guitarra
Ali deixada por um bom artista
um cascol, um colete, uma samarra
e um corno de boi a dar na vista

Ao fundo uma cozinha cor de breu
Em dias de calor extraordinário
Alguém janota ali água bebeu
Por um púcaro de barro centenário

Quem passasse no sítio e não soubesse
Que de estudantes era um santuário
Talvez que estranhasse e se benzesse
Ante aquele fantástico cenário

Era ali mesmo, mesmo a Seraninhas
A madrinha dos jovens estudantes
Romântico beiral das andorinhas
Que vinham dos países mais distantes

A Seraninhas o centro cavaqueiro
De uma crítica acerva com requintes
E autópsia de escândalos caseiros
Entre largas fumaças de «três vintes»

A figura provecta da madrinha
Nossa amiga de todo o coração
Que além de um negócio de farinha
Vendia avulso cigarros a tostão

Quem a pode esquecer? Doce velhinha
Toda encurvada na pele era urna engelha
Mas tivesse eu a alma que ela tinha
Do amor humano a fúlgida centelha

São Nicolau no Céu tem-na a seu lado
Que tanta honra deve quem Iha presta
Quantos bonecos terá ela guardado
Na sua loja em nicolina festa?...

Quanto pregão ouviu à sua porta
Com os olhos repletos de emoção
Sua alma nicolina não é morta
Ela ainda vive em nosso coração

Dr. Joaquim Amaral Pereira da Silva, estudante do Liceu Martins Sarmiento da década de 40,
autor de vários Pregões nicolinos